

Estado de passagem: corpos em trânsito

Barbara Larruscahim da Costa

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Eduarda Azevedo Gonçalves

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Palavras-chave: Deslocamento; Passagens; Gênero; Poéticas Visuais.

Resumo

Este artigo trata de apresentar uma proposta poética em fase de desenvolvimento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPel, apresentada no Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual nos primeiros dias de agosto em Montevideo de 2025. Partindo do trabalho poético 'Passageira (2025)' que investiga deslocamento, gênero e memória por meio da escrita térmica sob bilhetes de transporte utilizando um ferro de passar roupas para registro, remete a invisibilidade histórica, as passagens e as marcas do trabalho doméstico que recai sobre as mulheres. Inspirada na obra, nos documentos e em mobilidades, a proposta foi acolhida em assembleia como exercício coletivo de registro e arquivo efêmero que questiona as limitações e a circulação feminina no espaço público, pois o suporte se caracteriza pelo apagamento de informações e contrasta com as estruturas permanentes que restringem a mobilidade, a pertença e o direito das mulheres ao movimento e suas resistências cotidianas.

Estado de passagem: um território coletivo

Chegamos eu, os colegas Levi e Kelly, e a prof^a Dr^a Martha Gofre à capital uruguaia, destinados a consolidar mais uma participação em um evento acadêmico. Este que já se apresentou de modo a perturbar nossa acomodação típica de modos expositivos nestes espaços de encontros entre pesquisadores. O habitual é que haja eixos e ou mesas temáticas de debates, onde os debatedores e apresentadores expõem seus trabalhos, geralmente de modo unilateral, utilizando

projeção de imagens e modelos de slides. Ouve-se e tecem-se comentários em diálogo e findam-se os trabalhos de modo que a colaboração cruzada se faz pontualmente neste momento, quando ela acontece. Nestes moldes usuais aos quais estamos acostumados, o intercâmbio e cruzamento de informações que forem possíveis de circular é restrito, interlocutores revezam informações em apresentações quase que unilaterais. Feita esta reflexão, a proposta ao qual fomos apresentados em Montevideo quebrava estes protocolos do esperado. E o inesperado era a única certeza. Assembleias nomeou-se o que viria a ser o encontro proposto.

Esta proposta a ser desenvolvida em formato de assembleia não nos deu métricas e ou pistas do que e como se preparar para as partilhas, a única informação que tínhamos era levarmos um pertence, objeto e ou algo relacionado a nossa pesquisa. Como seria utilizado e ou apresentado era um mistério. Elegi levar comigo dois dos materiais aos quais estão balizados meu trabalho poético atual: um ferro de passar roupas e uma bobina de papel termo sensível.

Em meu trabalho *Passageira* (2025), investigo as relações entre deslocamento, gênero e memória através da intervenção que realizo em bilhetes rodoviários, tíquetes impressos em papel termo sensível. Sou uma artista brasileira radicada na fronteira Livramento-Rivera, e vivo a aproximadamente 344 (trezentos e quarenta e quatro) quilômetros de distância da cidade de Pelotas-RS, onde fica a universidade a qual estou vinculada. Distância esta que interfere diretamente no modo como desenvolvo minha pesquisa. Os deslocamentos são realizados semanalmente, intensos, e que me exigem cerca de 6 (seis) a 7 (sete) horas dentro do ônibus em transporte de uma cidade a outra. A movência e este estado de passagem tornou-se então moto e método investigativo.

Iniciei operacionalizando a prática artística através dos seguintes passos: a) primeiro pelo arquivamento das passagens, os tíquetes impressos em papel térmico que a empresa emite a cada compra de passagem que realizo semanalmente; b) Ao passo que as viagens semanais ocorrem, acumulo tíquetes e surge a questão intrigante à pesquisa, me atento ao fato de que tais informações contidas neste tipo de papel térmico apagar-se-ão à medida que o tempo passe, e me interessou tal característica; c) passo então a testagem de intervir sobre o papel, considerando o apelo termo sensível, realizei a intervenção escrita térmica sobre estes documentos, com auxílio de um ferro de passar roupa. d) o objeto não é escolhido aleatoriamente, ele me interessou não só pela capacidade térmica, que causa efeito sobre a substância química ao qual o papel é submetido e reage ao calor, mas sobretudo, pela função utilitária de desamassar tecidos. Carregando um simbolismo histórico quanto ao trabalho que o envolve e sobre quem o executa, qual seja, o uso do instrumento 'ferro de passar roupa' predominantemente é associado ao trabalho doméstico realizado por mulheres.

Assim, nasce o trabalho *Passageira* (2025), o qual por meio da escrita térmica passo a elaborar perguntas as passagens, sendo a primeira 'Quem passa?' me referindo a um questionamento tanto relacionado ao uso do objeto, mas também quanto ao que implica ao deslocamento realizado e que o documento das passagens evidenciam.

O estado de permanente trânsito é salutar aos questionamentos que surgem com a dinâmica em ser uma passageira: quem pode se deslocar? O que passa

quando o corpo que se desloca é o corpo de uma mulher? E a partir destas perguntas, desdobram-se inquietações sobre onde este corpo é autorizado a estar e a percorrer em segurança? A que papéis está sujeito, e que espaços pode ocupar? O papel de gênero, os territórios geográficos e simbólicos aos quais uma mulher se insere em minha pesquisa. E é inerente pensar, de que maneira o deslocamento opera enquanto metodologia de pesquisa em poéticas visuais quando o corpo que se desloca é feminino? Como opera neste contexto rodoviário de passagem? Qual a relação entre os papéis de gênero em espaços públicos e privados? Que fronteiras, limítrofes ou zonas, existem na divisão de gênero? Por fim, cabe pensar no que me autoriza a realizar as travessias? Como tais documentos emitidos - as passagens



Fig. 1. Colagem digital de fotografias, *Passageira*, acervo da artista, 2025.

- exercem essa permissão de acesso ao próprio ato de quem se desloca?

Essas questões ganham força à medida que intensifico os deslocamentos entre as cidades, aprofundo a relação entre movimento e criação, como arquivos de passagens, e baseando-me nas experiências de passagem, o corpo adentro e em trânsito, todo o tempo e o texto impresso sobre o papel térmico como dispositivo artístico, intervindo sobre ele também por meio da palavra. Gesto que reside no e do movimento, um estado teórico-vivencial de registro, de inscrição no mundo.

Viajo.

Ir e vir me faz passageira.

Chego a Montevideu sem saber o que passará.

O que não sei, é como apresentar minha pesquisa. O que sei, é que estaríamos no evento todos em estado de passagem.

Por meus itens: o ferro de passar e uma bobina de papel térmico como se documentos fossem. Sem saber o que aconteceria, mas portadora deste emaranhamento de pensamentos e articula teórica e prática artística, tendo a passagem e a escrita térmica como gesto poético (e político) pelo qual busco denotar as operações que transforma o ordinário e doméstico ato de passar, em dispositivos de reflexão sobre gênero, mobilidade e memória.

Meu trabalho que surge e se materializa através da escrita sobre passagens de ônibus, utilizando um ferro de passar roupas como instrumento de inscrição, do gesto que evoca a singularidade do papel térmico (que se degrada com o tempo apagando as informações, assim como as mulheres foram invisibilizadas no cânone da História e na Arte), quanto as marcas históricas do trabalho doméstico e colonial.

A proposta dialoga com Leandro Machado (2021), artista portoalegrense, cujas termogravuras denunciam as travessias forçadas no período colonial de escravizados, e com Alessandra Paiva (2022), que discute a virada decolonial nas artes. Ao transpor essa investigação para o contexto coletivo e uruguaio, pretendi tensionar as noções de fronteira e livre circulação, já que na minha região (Livramento e Rivera) vivenciamos uma mobilidade singular, onde brasileiros e uruguaios transitam sem documentos. Anne Bénichou (2013) fundamenta a abordagem ao tratar o documento como vestígio e prova testemunhal e artística, transformando os bilhetes em matéria poética.

Na Assembleia, proponho o exercício coletivo de escrita térmica sobre o rolo do papel térmico que caracteriza as passagens, pensando em criar um arquivo efêmero que materializasse nossa experiência de deslocamento até o evento e ao mesmo tempo evocasse por meio do objeto doméstico, o que cabe ao feminino. O trabalho questiona: que autorizações regulam nossa passagem? Que marcas carregamos? Como transformar o ato de viajar em gesto político? E tantas mais indagações pudessem ecoar.

A efemeridade do suporte - que se apaga como memórias - contrasta com a permanência das estruturas que limitam a mobilidade das mulheres. Ao levar essa proposta, pretendia criar um diálogo transfronteiriço sobre os corpos que podem ou não passar, numa provocação poético-política que interroga as noções de pertencimento e direito ao movimento. O resultado seria um arquivo coletivo e processual, onde as marcas térmicas funcionam como metáfora das resistências cotidianas que inscrevemos nos territórios que atravessamos. Materiais que disponho: rolo

de papel térmico e um ferro de passar.

É importante ressaltar que a pesquisa que está em fase de desenvolvimento no doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes pela UFPel, orientada pela Prof^a. Dr^a. Eduarda Gonçalves, e líder de nosso Grupo de Pesquisa: Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC, é justamente balizada pelo deslocamento enquanto método de pesquisa. Em nossos estudos junto ao grupo, partimos da metodologia de pesquisa em poéticas visuais, que possui as considerações de Jean Lancry (2004) e Sandra Rey (2002) como bases, aos quais sempre partimos do fazer e da prática para então chegarmos à instância teórica. Minha produção, é pensada a partir da metodologia desenvolvida junto ao grupo, tendo por base a prática do 'Desloccar', verbo sistematizado pelo grupo Deslocc, de grafia que duplica a letra 'c', e que consiste nas diferentes operações ligadas a práticas de deslocamentos situadas no contexto de extremo sul do Rio Grande do Sul, do Brasil, configurando um modo de fazer que consiste na utilização de dispositivos inventados pelos artistas ou gerados pelos percursos que realizamos, e por meio dos quais damos a ver diferentes pontos de vista sobre situações e lugares nesse território sulino, latino americano.

Condição de andante, pisante, caminhante, errante, flânquete, deambulante, nômade, desviante, selvático, passante. Campereando. Invenções e inventários de territórios e compartimentos. Passagem, cruzamento, atravessamento de fronteiras, marco de vista. Olhar de modo atento e crítico. [...] Transitar de ônibus, a pé, de carro, de bicicleta, skate, linhas, redes, de esteiras, tirolesa, metrô, bondinho, trem, vagoneta, patins. Pelas ruas, casas, corpos, malhas urbanas, praias, espaços digitais, florestais, sociais, mentais, amorosos, ancestrais, urbanos, camponeses, fronteiriços, concretos, subjetivos, afetivos (Grupo Deslocc, 2024, p. 127)

Deste modo, nos propomos a constituir esse cruzamento de fronteiras, marcos de vista e margens em passagens pelas quais a produção artística ocorre em conjunto. A provocação proposta no modelo Assembleia fez, assim como no grupo, pensarmos um trabalho em conjunto, e foi assim que propus a Passageira. Apresentei-a de modo aberto, como um convite ao registro coletivo, para que os demais membros da 'Assembleia B' realizassem, através do convite, participações espontâneas de marcações utilizando o ferro de passar roupa sobre o rolo de papel termo sensível que eu havia levado como objetuais para o encontro.

A partir disso, não apenas apresentei meu procedimento, mas o grupo também o tornou uma espécie de fazer performático coletivo quando a proposta foi levada para uma apresentação final durante o encerramento do evento. Os grupos, que haviam sido separados inicialmente em quatro assembleias menores, deveriam, ao final, apresentar-se ao coletivo geral de modo a sintetizar o que havia ocorrido nessas reuniões. Pensamos juntos em como unir questões, procedimentos e meios de nossas pesquisas. Os assuntos levantados ao longo dos dias no grupo – majoritariamente formado por mulheres – permearam questões de gênero, maternidade e como conciliar os afazeres domésticos à vida acadêmica e seus prazos.

O ponto nodal se deu quando a professora Mariana Percovich, após apresentarmos as propostas (elaboradas em pequenos grupos e que contemplavam não só o meu fazer, mas outras tantas proposições performáticas e visuais apresentadas pelo coletivo), identificou força no grupo e na não exclusão de nenhuma proposta. Nosso meio comum, em ambas as investigações e nos consensos ali apontados, levou em consideração as confluências, de modo que a simultaneidade de proposições



Fig. 2. Colagem digital de fotografias, performance coletiva 'Estado de passagem', acervo da artista e imagens disponibilizadas pelo evento, 2025.

ocorresse conjuntamente na apresentação final.

A mim, que ao apresentar a proposta inicial desejava compartilhar minha pesquisa artística sobre passagens – investigando as relações entre mobilidade, gênero e memória –, certamente jamais me esquecerei deste dia. A força do coletivo mobilizou outras companheiras, como Mariana Santos e Karen Santos, a trazerem novos e maiores rolos de papel térmico, ampliando o suporte sobre o qual nossas intervenções foram executadas. Juntos, compusemos uma perspectiva plural sobre os corpos em trânsito; estávamos todos ali de passagem, cumprindo as burocracias que regulam o movimento acadêmico, metaforizando os próprios tíquetes de passagem que coleciono que carregam em si as burocracias da vida, no entanto, por meio da arte são transformados em poética. A proposta, ampliou-se num diálogo poético e político, no qual todos os corpos presentes incidiram e se fizeram marca. Absolutamente transformados, tais quais aqueles documentos cotidianos impressos no papel térmico: notas fiscais, rolos de fax (já em desuso), comprovantes de pagamento, ganharam nova vida. Recebi inúmeros relatos de que, a partir dali, jamais passariam por eles sem se lembrarem de minha pesquisa. Tivemos êxito em tornar o olhar para o cotidiano um dispositivo e suporte poético, questionando justamente a invisibilidade das rotinas que nos moldam.

O evento permitiu, enfim, contribuir com reflexões profundas sobre a criação artística como metodologia de pesquisa, articulando minhas práticas às discussões coletivas sobre deslocamento e passagem. Reunimos não apenas experiências

individuais, mas construímos em conjunto processos que enriqueceram a todos. O SIPACV se confirmou como um espaço fértil para trocas por meio da arte. Nós, os corpos que insistem em ocupar espaços em disputa – majoritariamente mulheres, mas também os homens ali presentes –, saímos com toda a certeza mais fortalecidos, certas de que a saída, se não a própria existência, só vale a pena no e com o coletivo.

Conclusão

Essa experiência coletiva tornou-se um microcosmo potente para as inquietações centrais da realidade de quem pesquisa e habita a academia sendo um corpo feminino: quando questiono minhas passagens sobre 'quem pode se deslocar? E, crucialmente, 'o que passa quando o corpo que se desloca é o corpo de uma mulher?' O ato performático de marcar coletivamente o papel térmico com ferros de passar, com um objeto profundamente vinculado ao espaço doméstico e aos papéis de gênero, paramos todos os participantes desta performance coletiva como uma metáfora visceral a estas questões. No contexto em trânsito de passagem que investigo, o deslocamento feminino é constantemente mediado por permissões, tanto simbólicas quanto burocráticas, assim como o meio acadêmico o é. Os 'documentos emitidos', sejam as passagens de ônibus que coleciono, mas também as credenciais acadêmicas são os que nos autorizam a estar ou não em um evento como este; são mais que papéis, são artefatos que concedem ou negam acessos, são papéis sociais vinculados ao ato de deslocar-se. Eles definem que territórios, geográficos ou simbólicos, um corpo feminino, um corpo maternal, um corpo lésbico... (e etceteras mais das quais meu corpo não é parte) está autorizado a percorrer em segurança e ou, a que papéis está sujeito.

A assembleia performática revelou que a metodologia do deslocamento em poéticas visuais, quando operada por um corpo feminino, é inevitavelmente um ato político. É uma prática de romper fronteiras e limítrofes na divisão de gênero, transgredindo a separação entre o espaço privado (o ferro de passar roupa) e o espaço público (a apresentação artística). A travessia, portanto, só se completa quando é compartilhada, quando a permissão do deslocar-se foi conquistada e afirmada coletivamente, transformando a passagem solitária em um trânsito solidário e fortalecido por todas as mãos que passaram por este momento, juntos!

Referências

BÉNICHOU, Anne. Esses documentos que também são obras. Tradução: Flávio Gonçalves.

Revista-Valise v.3, nº 6, ano 3. Porto Alegre, dezembro 2013, p. 171-191. Disponível em https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrFPAjbGCVoTAIAKHnz6Qt;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG-9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1748471260/RO=10/RU=https%3a%2f%2fseer.ufrgs.br%2fRevistaValise%2farticle%2fdownload%2f44418%2f28601%2f0/RK=2/RS=2iqs8FKglir6n7Hkc91DmP5v8LU- Acesso em 07 maio 2025.

LANCRI, Jean. **Sobre como a noite trabalha em estrela e por quê**. Conferência pronunciada em Montreal, na Universidade de Quebec (UQAM), (p. 99 -110). Montreal; 2004.

REY, Sandra; Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais; in: **O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes visuais**. Org. Blanca Brites e Elida Tesler. Porto Alegre. Ed/Universidade UFRGS, 2002. (Coleção visualidade; 4).

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-SP, 2008.

ROCHA, Eduardo, BELTRAME, TAIS (org). **Verbolário da Caminhografia urbana**. Pelotas-RS. Editora Caseira, 2024. p.127-128;

Barbara Larruscahim da Costa

Doutoranda e Mestra em Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Projetos: Linhas Imaginadas (2021) pelo EDITAL realizado pela Fundação Marcopolo e SEDAC/RS; Marco-fadas: um território imaginado, Edital FAC Visual -SEDAC/RS. Exposições principais: Em que Onde: cartografias para partir do sul (2024: MAC/RS, galeria Augusto Meyer na Casa de Cultura Mário Quintana Porto Alegre - 2023:Consulado Geral do Brasil em Rivera - UY); Linhas Moventes (2024:Galeria de Arte do DMAE Porto Alegre);Uma Parte do Todo (2023:FURG/RS - 2022:Galeria A Sala em Pelotas/RS); Diálogos Abertos (2022:Consulado do Brasil em Rivera/UY).

Eduarda (Duda) Azevedo Gonçalves

Artista e professora associada do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (1996). Mestrado e Doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Líder do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (UFPel/CNPQ), desde 2011. Em 2024, passou a integrar o Projeto CAMINHOGRAFIAS URBANAS NOS CONFINES DA AMERICA DO SUL, como Coordenadora de atividades e Bolsista PDE, do edital universal MCTI/CNPq no 14/2023 na pesquisa de pós-doutorado internacional na Universidad da Patagônia San Juan Bosco, Comodoro Rivadavia, Argentina.